

APRESENTAÇÃO

O NEHS, Núcleo de Estética, Hermenêutica e Semiótica da FAU/UnB reuniu-se em meados de 2019 para definir o cerne de suas então atuais preocupações, um ponto de convergência do que seus diversos membros estavam fazendo e discerniam como relevante para a linha de pesquisa, a fim de nortear seus debates e suas publicações. Confluiu-se para o tema “arte, arquitetura e qualidade”. O cerne do cerne estava no fim: numa era em que, por toda parte, se trata de definir o qualificativo por quantificações, queria-se recuperar a qualidade. Partindo da dezena de categorias em Aristóteles e os quatro entendimentos diversos dele sobre a noção de qualidade, como é que houve tão violenta redução, de sete para quatro e daí uma? Como se pode pretender definir a qualidade por algo que não consegue abranger sua diferença específica? Como se configura a qualidade que diferencia a arte?

Tendo sido definido o belo por Kant como algo que se caracteriza por não ter uma finalidade embora pareça ter, a arquitetura se coloca de modo estratégico entre a arte e a qualidade para buscar o belo em uma arte que é feita em função de um programa de necessidades. Ela é, portanto, algo útil, ainda que não se confunda com um utensílio, embora já tenha sido assim entendida, por exemplo, quando definia a casa como máquina de morar. Caso se tomasse a rigor a definição kantiana, a arquitetura ficaria fora do sistema das artes, o que parece que não faria maior diferença para muitos dos seus profissionais, que a reduzem a espaço construído.

A questão colocada pela arquitetura como algo útil não é só saber se ela é ou não uma arte, mas principalmente qual é a utilidade das demais artes, a que fins elas servem, quais são suas relações com a verdade, o poder e a ideologia. A redução do estudo da arquitetura a algo apenas técnico agrada à alienação dominante, numa era marcada pela apatia social e pelo perfil reacionário do governo. É mais fácil não pensar do que enfrentar questões para as quais não se tem ainda uma resposta.

No entanto, quando há inundações nas cidades porque seus riachos e rios foram canalizados e reduzidos a sarjetas, quando construções despencam dos morros e matam gente, quando cimento e asfalto cobrem todo o verde e um prédio se encosta no outro sem permitir a circulação do ar, a culpa não está apenas em maus administradores da coisa pública, pois eles tiveram a colaboração de arquitetos e urbanistas. Há algo errado nas escolas

que os formam e deformam. Há substratos políticos e teológicos que deveriam ter sido debatidos e não foram. Há uma ingenuidade fundante na profissão: que tudo deve ser feito para o conforto do homem.

A essa postura se contrapõe hoje a consciência crescente de que a raça humana é o maior perigo gerado pela natureza para a sua própria destruição. A contrapartida do progresso é a morte do planeta. A oportunista crença religiosa de que Deus teria criado tudo para que o homem se aproveitasse de tudo em seu benefício tem por contrapartida a tese, presente no *Gilgamesh*, no *Gênesis*, no *Prometeu Acorrentado*, no *Novo Testamento*, de que o ser humano foi um experimento que deu errado e precisa ser aniquilado, ou ao menos transformado em sua natureza. Uma linha de pesquisa que se abra para essas questões que não são estritamente técnicas pode ser vista como incômoda, mas ela apenas trata de problemas que já existem, ela não os inventa.

A sequência dos artigos aqui publicados trata de evitar o arbítrio da sequência alfabética dos nomes dos autores. Procurou-se partir dos temas mais abrangentes para acabar em temas mais específicos. Por estranho que pareça, obedeceu-se também à sequência com que foram encaminhados aos encarregados da publicação. A universidade de qualidade é hierárquica, não iguala todos como se fossem todos iguais, mas deve dar oportunidade a todos igualmente.

O ensaio de Flávio R. Kothe se preocupa com a redução das categorias lógicas a uma, a quantidade. Procura recuperar as diferentes conceituações de qualidade em Aristóteles, bem como mostrar falhas na argumentação de Kant quando reduz a quatro as categorias com que opera o entendimento. A questão subjacente é como chegar à verdade, como ela se distingue daquilo que seria o meramente correto. Tem-se aí dois modos de entender a arte: uma vez a vendo como expressão do correto, que foi definido no século XVIII como sendo o pio, o honesto e decoroso, só que estes conceitos mudam conforme as épocas e os lugares; outra vez como expressão da ideia, da verdade, da alétheia, o que faz a arte se tornar dependente de uma categoria filosófica abstrata, em detrimento da concretude e unicidade da obra.

Fernando Fuão é professor da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, em Porto Alegre, tendo feito boa parte dos seus estudos pós-graduados em Paris, baseia-se em Defoe, Camus e Foucault

para examinar o controle urbano desenvolvido durante as pestes, procurando demonstrar como ele continua existindo depois. O panóptico, usado em prisões para controlar o máximo de presos com o mínimo de risco, passa a fazer parte do cotidiano das metrópoles. Tem-se aí um modelo de domesticação e controle sobre os corpos na cidade moderna. O acúmulo de câmeras pela cidade e o desenvolvimento de programas de reconhecimento facial cada vez mais eficazes permitem vigiar a cidade por algoritmos, fazendo da cidade uma prisão que não sabe que é.

Erinaldo Sales retoma o desafio colocado por Hegel no seu sistema das artes, em que ele reservava à arquitetura o nível mais baixo, da linguagem mais simplória, enquanto a literatura (Dichtung) seria a linguagem artística mais complexa e refinada em seus três gêneros básicos conforme os pronomes pessoais: a expressão do eu, a poesia; do ele, a epopeia e o romance; o tu x tu, o teatro (e seus desdobramentos na televisão, no rádio, no cinema. Ele se pergunta se o belo continua sendo a categoria estética fundamental ou se outros conceitos, como o sublime, a ironia e a catarse, merecem mais consideração. Ele se pergunta ainda sobre o duplo sentido do termo “anaesthetics” como anestésico e anestesia.

A professora Ana Elisabeth Medeiros, da FAU/UnB, em seu ensaio sobre “Arteeducar para intervir”, discute a contradição entre o fazer do arquiteto, cuja liberdade na prática é bastante cerceada por quem financia projetos, e a liberdade que a escola de arquitetura deveria desenvolver, seja para imaginar projetos, seja para criticar projetos realizados. Ela exemplifica isso na disciplina Técnicas Retrospectivas e examina como caso de estudo a reforma do Cine Brasília, na Asa Sul da capital federal. Ela sugere que a universidade deveria tratar de recuperar no estudo da arquitetura a liberdade que nem sempre o arquiteto dispõe na atividade prática.

Carolina Borges, que recentemente ficou durante um semestre fazendo pesquisas na Itália, volta-se para a “retórica do ornamento”, em que ela estuda a relação entre Vitruvius e Alberti. A Antiguidade tinha a natureza como referência para o belo, inserindo a geometria em sua elaboração artística. Um templo antigo, assim se acreditava, não era feito para os homens, mas era uma homenagem aos deuses. O Renascimento italiano resgatou o racionalismo clássico, para adaptá-lo aos dogmas católicos, bem diversas das crenças que ela chamaria de pagãs. Ao apostar no resgate da fé pela razão, gerou o problema de que muitas vezes aquilo em que o crente acredita não se sustenta diante da razão.

Aline Zim faz um estudo sobre “Cultura kitsch e modernidade: a ascensão do não-autêntico”.

Ela vê no kitsch uma categoria que explica muito do moderno. Ele aflora com a industrialização capitalista, uma mercantilização de algo que pretende ser belo para um público sem maior refinamento: pretende ser, sem ser. Quanto mais pretende, menos é. Ele é uma imitação em tom menor da cultura erudita: é uma estética pobre, para espíritos pobres. O elevado se distingue em contrapartida ao kitsch que procura imitá-lo sem alcançar sua grandeza. O kitsch é um sintoma de alienação social, mas é fundamental para a construção do bom gosto na modernidade.

O doutorando Leonardo Oliveira comparece com o estudo “Percorrendo o monumento contínuo nas fotomontagens do Superstudio”. Este grupo florentino (1966-1978) tratou de subverter, mediante fotomontagens irônicas, a impessoalidade da arquitetura moderna e de sua falta de diálogo com a realidade moderna. O caso estudado é uma série de fotomontagens de 1969 intitulada “Monumento Contínuo”.

A mestrandia Raquel Santos fecha o presente número da RES com o estudo “Categorias de estruturação plástica e sua influência na apropriação de um espaço público patrimonial”. Um título longo para ver como a morfologia do lugar pode dar legibilidade ao espaço e perceber a estética dos espaços construídos. Isso lhe permite fazer exercícios filosóficos tratando de identificar os desdobramentos subjetivos.

Esta Revista não sabe por quanto tempo ainda vai continuar existindo. Muito reza contra ela. Se ela sonha com seu próximo número, cada um tem se tornado um parto cada vez mais difícil. A universidade não tem facilitado a editoração. Há no país um clima de apatia, de desinteresse pela cultura mais exigente, de hostilidade ao debate dos problemas mais cruciais e inquietantes. Esse clima tem seu fundamento na formação do país sob a égide da Contrarreforma no período colonial, pela falta de escolas e universidades durante o período do iluminismo, pela prepotência colonial que levou ao genocídios dos povos indígenas, pelo racismo inerente à escravização de negros e índios, pela discriminação contra os imigrantes, pelas ditaduras que marcaram o século XX. Se estamos nadando contra a corrente dominante nessa história, supomos que estamos em busca de maior liberdade, arte e razão crítica.

Erinaldo Sales
Flávio Kothe
Júlio César Brasil